

Memórias da fábrica: identificação de elementos para o projeto de reciclagem da extinta Laneira Brasileira S.A./ Pelotas - RS

Memories of the factory: identification of elements for the recycling project of the former wool factory Laneira Brasileira S.A./Pelotas-RS

Francisca Ferreira Michelin^{*}, Diego Lemos Ribeiro^{**}, Jossana Peil Coelho^{***}

Resumo: O prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. pertence à Universidade Federal de Pelotas e foi adquirido em 2010, permanecendo sem ocupação. No ano de 2013 iniciou-se um projeto de reciclagem visando a utilização de parte do complexo industrial da fábrica para um centro interdisciplinar de memória, no qual está prevista a instalação de três museus, um memorial, uma biblioteca retrospectiva, área de ensino e área de eventos. A fábrica, com base na Carta de Nizhny Tagil, é conceituada como patrimônio industrial e a ela se atribui valor histórico e social. Busca-se, em concordância com Nora (1993) identifica-la como lugar de memória. O texto apresenta resultados parciais de um trabalho em curso que verifica a localização de elementos do prédio sobre os quais se expressam as lembranças de ex-funcionários e da comunidade do entorno. As entrevistas, parte delas feita no local, indicam os elementos remanescentes que dão suporte à memória desta fábrica.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial. Memória social. Laneira Brasileira S.A.

Abstract: The building of the former wool factory Laneira Brasileira S.A. belongs to the Pelotas Federal University and was purchased in 2010, remaining unoccupied since then. In 2013 a recycling project was started aiming to transform part of the factory industrial complex into an interdisciplinary memory center, which comprises three museums, a memorial, a retrospective library, a teaching area and an event area. Based on the Nizhny Tagil's Letter, the place is defined as industrial heritage, with its historical and social value recognized. Also, according to Nora (1993) it is identified as a place of memory. The paper presents partial results of an ongoing study which verifies the location of elements in the building, over which the memory of former workers and the community around it are expressed, using them as support to the memories of this place. The interviews, part of which was carried out at the building, indicate the remaining objects that give support to the memory of this factory.

Keywords: Industrial Heritage. Social Memory. Laneira Brasileira S.A.

1. Introdução

Quando as fábricas cerram suas portas e termina a razão que, em muitos casos, justificou a construção de grandes edifícios, sobrevém uma sequência de fatos

^{*} Licenciatura plena em Educação Artística (UFPEl), Mestrado em Artes Visuais e Doutorado em História (PUC-RS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEl. Participou das comissões de criação dos cursos de Bacharelado em Museologia (2006), Mestrado e Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural (2006), Conservação e Restauro (2008), todos da UFPEl. Coordenadora da Coordenadoria de Comunidade e Cidadania e do Núcleo de Patrimônio Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - UFPEl. fmichelon.ufpel@gmail.com

^{**} Graduação em Museologia (UNIRIO), Mestrado em Ciência da Informação (UFF) e Doutorado em Arqueologia (MAE-USP). Tem experiência na área de Museologia, com ênfase em Ciência da Informação e Arqueologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEl. dlrmuseologo@yahoo.com.br

^{***} Graduação em Arquitetura e Urbanismo e em Museologia, ambas pela UFPEl, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da mesma Universidade. jopeil@ig.com.br

que as assemelham, independente do tipo de fábrica que foram, para que serviram, o que produziam. Foi isto o que aconteceu com a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A., no bairro Fragata da cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul. O edifício, que hoje faz lembrar a existência desta fábrica, foi construído para instalá-la no ano de 1949 e permaneceu sólido em sua manifestação física, enquanto obra da arquitetura e simbólica, enquanto obra da subjetividade, pleno de simbolismos latentes, prontos para serem ativados mesmo depois do seu fechamento completo em 2003. Quase sete anos após, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que há uma década já vinha adquirindo vários imóveis históricos na cidade, entre eles, alguns considerados patrimônios industriais, adquiriu este também.

Na ocasião, já era opaca a lembrança de que essa fábrica havia colaborado para impactar a situação econômica e social da cidade, por meio das atividades voltadas para produção e comercialização de lã. No entanto, as últimas gerações a ocuparem este espaço de trabalho ainda a reconheciam na sua fachada persistente e enunciativa. Quem a viu na década de 1950 e ainda pode se encontrar à frente da larga fachada, terá, supõe-se, a sensação de um tempo revisitado (Figura 1), salvo a dramática visão do prédio que se entrega ao abandono.



Figura 1 - Fachada da Fábrica Laneira Brasileira na década de 1950.
Fonte: Fototeca Memória da UFPel.¹

Diz-se isto porque se passaram dois anos e meio da compra, até que, após sucessivas propostas de uso que previam a total ou parcial destruição do edifício, foi

¹ FOTOTECA. Memória da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>. Acesso em: 02 de Jun. 2015

solicitado ao Município o inventário do prédio². Concedido, este passou a gozar de proteção a partir de outubro de 2013³. Concomitante e dentro desta perspectiva de salvaguarda, apresentou-se um projeto de reciclagem⁴ que, uma vez aceito pela administração central da Universidade, foi levado a termo. É neste período, em que a proposta de uso enseja o conceito e dá início ao projeto arquitetônico, que se desenvolveu o trabalho de pesquisa do qual um dos resultados é exposto neste texto.

Este trabalho consistiu em levar à extinta fábrica, para visita e depoimento, pessoas que estiveram nele em algum momento do período no qual o trabalho fabril ocorria. Desejou-se, com isso, verificar se naquele local, aparentemente vazio e abandonado, os vestígios que pareciam ser elementos significativos para a memória do trabalho e daquela fábrica, tinham o mesmo sentido para os antigos usuários. Portanto, conforme se desenvolviam os depoimentos com aqueles que viveram o prédio em atividade, novos aspectos e perspectivas surgiram.

O resultado confirmou que para decidir as características essenciais da proposta de reciclagem que se estava fazendo era importante dar atenção a unidade contextual que o estado do prédio, no seu interior, já não apresentava de modo evidente. Embora a especificidade da arquitetura industrial ainda se mantivesse nas coberturas, nos vãos, na distribuição dos galpões e em algumas estruturas aparentes, a falta de instalações e marcas das formas de trabalho obscureciam as razões do edifício. O mesmo, e isso os depoimentos confirmariam, não se passava com a fachada, que continuava elemento afirmativo na paisagem do bairro.

Entende-se que, embora empregando um recurso recorrente, o da tomada do depoimento no local, os critérios metodológicos que permitiram a análise e levaram aos resultados, aqui mencionados, foram eleitos pelo próprio caso estudado, na sua particularidade essencial. No entanto, o princípio que o configurou objeto deste estudo é tê-lo qualificado como patrimônio industrial e partiu-se deste princípio para propor os novos usos e a intervenção. Assim, a decorrente musealização do lugar que a proposta de reciclagem sugere advém da consideração de que é inerente ao patrimônio cultural ser formado pelas expressões, elementos culturais e lugares de memória que determinada sociedade julga relevante e que tais valores se

² A solicitação foi feita pela Reitoria da UFPel atendendo ao pedido do Núcleo de Patrimônio Cultural, instituído em agosto de 2013 no âmbito da Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Pelotas.

³ O edifício passou a constar na lista do inventário do patrimônio cultural do Município com nível 2 de proteção (PELOTAS, Decreto nº 5.685, de 08 de novembro de 2013).

⁴ A proposta foi apresentada pelo Núcleo de Patrimônio Cultural em setembro de 2013 e foi instituído um grupo de trabalho formado por dois professores e cinco alunos para desenvolver o levantamento físico da área. O grupo iniciou os trabalhos em novembro de 2013. Em abril de 2014 ingressou no grupo uma arquiteta contratada para auxiliar no desenvolvimento do projeto que se concluiu em novembro de 2014.

materializam em objetos, documentos e elementos de uma paisagem. Diante de um patrimônio espoliado, qualquer sobra pode significar a metonímia do ausente.

A proposta também se fundamentou no conceito pronunciado na carta de Nizhny Tagil⁵ para o patrimônio industrial por ela entendido como aquilo que “compreende os vestígios da cultura industrial que possui valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”. A Laneira é, sob a luz deste conceito, o exemplar de um bem que detém “valor social como parte do registro de homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário” (TICCIH, 2003). Entender este bem, de tal modo, já faz parte do processo de proteção que transcende a conservação física da edificação, e abarca a dimensão semântica impregnada na materialidade para a compreensão dos significados das informações que o mesmo conserva, estejam essas em registros documentais, arquivos da empresa, projetos arquitetônicos, maquinários, exemplares de produtos industrializados e, principalmente, as memórias das pessoas que trabalharam no local, ou a ele estiveram relacionadas durante algum período.

Ao fim e ao cabo, é sobre tais memórias que se debruçou este trabalho e por elas se buscou destacar os elementos arquitetônicos que identificam o prédio e o relacionam com a comunidade do entorno.

Do histórico da antiga fábrica, menciona-se o que se considerou indispensável para a compreensão dos conteúdos desenvolvidos. De igual modo, não se conta a trajetória dos usos sugeridos antes da proposta que se estuda, embora, sabe-se que as sugestões feitas evidenciam a vulnerabilidade na qual se encontrava este patrimônio. No entanto, afirma-se desde já a intenção de que os estudos sobre a Laneira sirvam de incentivo à preservação de outros patrimônios desta natureza, na UFPel e na cidade. Ao propor usos que não descaracterizem esses edifícios, estimula-se a qualificação dos seus espaços, retornando-os positivamente para a comunidade que detém os bens e os poupando da perda irreversível das informações que justificam seu valor cultural, histórico, social e estético.

Por fim, a posição da Laneira no bairro de trabalho e serviços no qual foi construída merece, também, ser esclarecida. Estudo da arquiteta Cíntia Essinger (2007) mostrou que os operários da Laneira residiam nas imediações da empresa, mesmo que de forma não muito concentrada. A fábrica situa-se, para quem transita do centro da cidade ao bairro, no entroncamento de uma grande avenida que conduz por um lado, para a rodoviária, por outro, para a saída da cidade. Esteve, desde sua fundação, em um local de grande movimento e visibilidade. Fazia notoriamente, parte do bairro e era muito presente para as pessoas que nele residiam.

⁵ Elaborada durante a reunião do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH), em julho 2003.

Quanto ao projeto de reciclagem do imóvel, deseja-se que venha a ser realizado de modo a que sua interferência preserve e respeite àquilo que o caracteriza, salientando que:

qualquer obra arquitetônica, não importa a técnica utilizada em sua feitura, relaciona-se com o espaço (e com a sociedade) em que está inserida, é elemento participante das transformações ali ocorridas ao longo do tempo, por vezes provocando mudanças profundas. [...] O que importa não é unicamente a lógica do objeto em si, mas como esse objeto insere-se e é apreendido numa dada realidade – historicamente estratificada – física, cultural, social, cultural etc.

[...] sem desnaturá-los nem falseá-los, de modo que possam, de fato, continuar a exercer seu papel primordial: ser documentos fidedignos e, como tal, servir como efetivos suportes do conhecimento e da memória coletiva. Por isso, qualquer intervenção deve ser justificada do ponto de vista das razões por que se preserva (KÜHL, 2010, p. 29-30).

Os resultados obtidos nesta pesquisa, com a análise das entrevistas e do projeto arquitetônico, serviram para contribuir com o conceito de patrimônio industrial que o projeto de reciclagem contempla: incentivar a preservação de outros patrimônios edificados.

2. Fábricas de memórias

O conceito e o valor que faz conceituar o patrimônio industrial são recentes: datam da segunda metade do século XX. O termo arqueologia industrial⁶ surgiu na Inglaterra, portanto, no berço da Revolução Industrial⁷, na década de 1950, tendo sido a expressão encontrada por aqueles que propunham a salvaguarda das indústrias. Deveu-se, em parte, à ampliação do conceito de patrimônio, que propiciou o reconhecimento do valor cultural da arquitetura industrial e das vilas operárias, essência de uma mudança que se anuncia desde a Carta de Veneza de 1964⁸, nela observável no texto do seguinte artigo:

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução

⁶ Arqueologia industrial segundo Buchanan *apud* Kühl (2010, p. 25) é um campo de estudo onde se realizam pesquisas, levantamentos, registros e a preservação de indústrias consideradas monumentos, com a intenção de dar significância ao contexto da história social e técnica.

⁷ Conjunto de transformações ocorridas na Europa Ocidental (séculos XVIII - XIX), diretamente relacionadas à substituição do trabalho artesanal, que utilizava ferramentas, pelo trabalho assalariado, em que predominava o uso de máquinas (COTRIM, 2002, p. 275).

⁸ Documento elaborado no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório) nos dias 25 a 31 de maio de 1964.

significativa ou de acontecimento histórico. Entende-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (ICOMOS, 1964, p.1-2)

No mesmo ano da Carta, o Brasil fazia o tombamento⁹ do conjunto formado pelos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó, São Paulo. Existiu um tombamento anterior em 1938, da Fábrica de Ferro Patriótica de São Julião, em Ouro Preto, que, sendo só ruínas, foi tombada apenas pelo seu valor histórico.

No Brasil e no mundo a proteção de sítios industriais foi crescendo e surgindo em vários documentos, até tomar a sua forma atual constante na carta de Nizhny Tagil (TICCIH), que dita uma síntese das definições feitas ao longo dessas décadas e:

[...] que os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público (TICCIH, 2003, p. 2).

Essa carta também atenta para o fato de que com os avanços das tecnologias, as fábricas refletem constantes mudanças nos processos de produção industrial, sofrendo com a rápida obsolescência das máquinas, dos modelos empresariais e dos prédios e que, quando não conseguem se adaptar, tendem a falir e fechar. Os vestígios da atividade destas fábricas se tornam testemunhas das mudanças pelas quais passaram e constituem o “[...] patrimônio técnico de uma sociedade e de uma comunidade, e esse processo está sempre em transformação” (MELLO E SILVA, 2006, p. 1). Neste patrimônio reside a parte da história da industrialização que não se constrói apenas com arquivos de funcionários, atas de reuniões ou relatórios da diretoria, mas de igual modo com o maquinário, os produtos manufaturados, com as indumentárias dos empregados; ou também, com tudo o que parece banal, como uma mancha de óleo no chão ou um escrito na parede, ou qualquer outra cicatriz que marque o espaço. Essas evidências, apesar de não conterem o “peso e a forma” de

⁹ A expressão “tombamento” vem do direito português, no qual o verbo “tombar” significa “inventariar” ou “inscrever” nos arquivos do reino, os quais eram guardados na torre do tombo. (DEZEN-KEMPTER, 2011, p. 112) e se entende por um instituto jurídico através do qual o poder público determina que certos bens culturais serão objetos de proteção especial. São quatro as categorias de livros tombo: arqueológico, etnográfico e paisagístico; histórico; belas-artes e artes aplicadas.

uma evidência sólida, como a dos objetos, também podem servir como rastros (semióforos) que conectam o visível e o invisível, o material e o espiritual.

Ainda, na carta de Nizhny Tagil se encontram enumerados os valores que esse patrimônio representa, como o testemunho de uma atividade: o valor estético dos processos específicos de produção, de tipologias e de paisagens; o valor social como parte do registro de vida dos homens e das mulheres comuns e os valores intrínsecos dos vestígios contidos na memória dos trabalhadores.

Com relação ao valor social, Külh (2010 p. 27) aponta que as memórias das pessoas que trabalhavam nas fábricas constituem uma fonte única e insubstituível que devem ser registradas e conservadas para a compreensão da história fabril. No entanto, observa-se que para o patrimônio industrial “é fundamental entender que esses elementos de origem material não se dissociam daqueles de caráter imaterial. Assim, pessoas e máquinas, saberes e fazeres se entrecruzam...”. (FERREIRA, 2009, p. 34). E destaca-se a abrangência do que se fala no campo deste patrimônio que também impacta socialmente a comunidade que está em seu entorno:

Muitas vezes, mesmo sem ser um agente direto do patrimônio em causa (nem operários, nem empregados, nem patrões), interesses práticos ligados à inserção do bem em um bairro ou cidade passam a ter relevância para a avaliação do seu significado histórico. Para isso é necessário que a população local encare as instalações fabris como parte de sua memória coletiva (MELLO E SILVA, 2006, p. 4).

No geral, a fábrica relaciona diversas pessoas que atuam diretamente (funcionários e clientes) e indiretamente (moradores e frequentadores do entorno). É inerente a esses locais promoverem trocas, que propiciam o partilhar de experiências tanto individuais quanto coletivas. Mesmo aqueles que não trabalharam na fábrica, e nem sequer viveram no entorno, partilham de memórias da Laneira como se fossem acontecimentos “vivos por tabela” (POLLAK, 1992, p.02). Dessa sorte, a memória deste lugar, para Pelotas, pode ser um elemento sobre o qual se alicerça o sentimento de identidade de um coletivo.

Por outro lado, o patrimônio industrial também é importante devido às marcas que deixa na paisagem onde está inserido. É o que comenta Kohlsdorf (2012, p. 56) quando afirma que não percebemos uma edificação e seus elementos isoladamente, independente do seu entorno, mas sim paisagens, uma porção de espaço abrangido pela vista, composto pelo edifício, por mobiliários urbanos, pela vegetação e até por espaços vazios. E isto ocorre, especialmente, se a fábrica estiver inserida em um sítio

urbano, que acaba compondo com diferentes tipologias de prédio e elementos que não são necessariamente fabris.

Tais valores justificam o conceito proposto pela carta de Nizhny Tagil, que de acordo com Ferreira (2009, p. 22) afirma que “a noção de patrimônio industrial nos remete à ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória”. Assim como os processos de musealização abreviam a utilidade das coisas, ao mesmo tempo em que as investem de novas estratigrafias semânticas. A musealização, nesse contexto, não se encerra no deslocamento físico do objeto, mas em um deslocamento de olhar. E é isso que se está fazendo com a Laneira, pois se trata de lançar um olhar que atravessa a epiderme da edificação e adentra onde os olhos não conseguem enxergar numa primeira mirada: as pessoas por detrás das máquinas.

Segundo Nora (1993), lugares de memória são antes de tudo restos, que surgem e se concretizam no sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar objetos, que podem ser os mais diversos, como arquivos e lugares, para aflorar tais memórias, e esses lugares, mesmo com aparência puramente material, tornam-se lugares de memória, pois há uma imaginação que o investe de uma aura simbólica.

As antigas fábricas, ainda que abandonadas, ou especialmente por esta condição, podem ser vistas como lugares de memória. Essa afirmação só faz sentido, entretanto, se as pessoas que têm ou tiveram algum envolvimento com esses locais, assim o identificarem e dele, simbolicamente, se apropriarem, são elas que devem dar significado aos vestígios deixados e apresentar a relevância deles. Há de se aceitar, portanto e sob esta perspectiva, que os testemunhos desses atores aportam sentido aos vestígios das fábricas, tanto os materiais como os imateriais, e formam o vetor que traduz o valor da memória do trabalho e da sociabilidade que subjaz nesses patrimônios industriais, fazendo adensar a questão colocada por Ulpiano Meneses:

[...] naturalmente, os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um sem-número de fenômenos. Assim, a matéria-prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedade dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos – base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto (MENESES, 1998, p.91).

3. A memória dos agentes da Laneira Brasileira S.A.

A fábrica como lugar de memória se apresenta pelos vestígios que nela permanecem, porem não é qualquer vestígio, e sim aqueles que são identificados e possuem significado para os que podem lembrar. Quem pode lembrar é qualquer pessoa que esteve relacionada à fábrica durante algum tempo do período em que esta operou. É um universo vasto, incontável se for considerado o quantitativo de pessoas que estiveram indiretamente relacionadas à fábrica. Assim, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. Esses restos, quando inseridos em novos quadros de significação, tornam-se reminiscências de um passado que se convencionou preservar.

Neste estudo, apresenta-se o resultado da análise de cinco entrevistas com pessoas que estiveram, em tempos diferentes, relacionadas de modo diverso à fábrica. Foram entrevistados três ex-funcionários que desenvolviam atividades diferentes, uma moradora do bairro que fez toda a sua escolaridade fundamental e média passando pela frente da fábrica dez vezes por semana e uma tecelã que durante anos comprava os novelos no entreposto da fábrica. Em um conjunto de 45 entrevistas, estas cinco foram selecionadas porque os depoentes conheceram a fábrica em um período no qual as últimas intervenções ocorreram. Tais intervenções, de acordo com o cronograma de ampliação dos pavilhões e de aquisição de maquinário novo foi entre os últimos anos da década de 1970 até meados de 1980. Influenciou a escolha o fato de que essas pessoas não se conheciam e tinham seu vínculo com a fábrica por razões diferentes entre si. Para a realização das entrevistas, foram elaborados dois roteiros, um para ser aplicado aos ex-funcionários e outro para os moradores do Bairro Fragata. Foram elaboradas perguntas “chave” para introduzir os assuntos e dar liberdade ao entrevistado para falar do tema de maneira mais livre. Os cinco entrevistados apresentavam como traço comum entre si não ter perdido a visão do prédio da Laneira.

A primeira entrevista foi com uma ex-funcionária e moradora do bairro Fragata, e que, por conseguinte, passa frequentemente na frente da fábrica. Relatou que começou a trabalhar na Laneira em 1984, justamente quando houve a primeira greve de funcionários, que durou em torno de dois meses. Os trabalhadores reivindicavam a continuidade da jornada de trabalho de seis horas, contra o aumento pretendido pela administração para oito horas. Durante a greve, houve um episódio em que os trabalhadores ficaram sentados na frente do portão onde ocorria a carregamento de lã (Figura 02) para impedir que uma remessa de lã, que estava sendo comprada por

japoneses, saísse da Laneira, fato que, segundo a entrevistada, precipitou o término da greve com resultado favorável ao pleito dos funcionários.



Figura 02 - Portão destinado à saída da produção.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.

A entrevistada trabalhou dois anos e meio como operadora de máquinas na penteagem¹⁰ e na fiação¹¹, onde aprendeu a fazer o nó de artesão. Conta que a fábrica funcionava 24 horas ininterruptas, período dividido em quatro turnos. O dela era das seis horas ao meio dia. Os funcionários eram fixos, sempre tinham atividades para desenvolver: quando baixava a produção, faziam a manutenção do maquinário, a lubrificação e a limpeza ou também podiam ajudar em algum outro setor que estava funcionando. Em uma ocasião, ajudou na expedição¹², montando caixas.

Ressaltou a lembrança de uma horta ao fundo da fábrica, plantada e mantida pelos funcionários mais antigos. A maioria dos funcionários eram mulheres moradoras do Fragata; na hora em que terminavam o turno, saíam todas juntas para conversar e esperar o ônibus. No fim de ano, a administração organizava uma confraternização, momento no qual todos os trabalhadores se encontravam. Nos vestiários havia armários individuais; no fim de cada turno, os funcionários deveriam tomar banho para retirar a grande quantidade de pó da lã, e evitar, deste modo, a escabiose¹³. Havia

¹⁰ Processo de eliminação de impurezas, remoção das partes curtas das fibras e de tamanho inadequado para obtenção de bons fios e uniformização do comprimento das fibras, resultando em fios muito finos, resistentes e com qualidade (MELO, 2012, p. 72).

¹¹ Etapa para desembaraçar a lã e homogeneizar mechas através da diminuição de sua massa por unidade de comprimento.

¹² Local que preparava o produto final para a venda.

¹³ Escabiose ou sarna: doença de pele contagiosa causada por uma espécie de ácaro muito pequeno. (Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/saude/temas/sarna>. Acesso em: 24 de Jun. 2014).

atendimento no posto médico (Figura 03) disponibilizado pela Laneira aos funcionários, que, nos intervalos, sentavam em bancos, no pátio, ao fundo da edificação (Figura 04) para ficar ao sol. Ao final, a entrevistada suspirou a lembrança de como era grande e lindo esse prédio.



Figura 03 - Espaço do antigo posto médico.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.



Figura 04 - Ruínas de banco localizado no pátio da edificação
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.

A segunda entrevista deste trabalho também foi com uma ex-operária que iniciou o relato dizendo que o período em que trabalhou na Laneira foi uma época muito feliz da sua vida. Lá conheceu o seu marido e neste período, casou teve suas três filhas. A ex-funcionária trabalhou como operadora de máquina no setor de fiação dos anos de 1990 a 1995 e morou no bairro Fragata até 1996. O setor de fiação ficava no segundo pavimento e no momento da entrevista esse local estava inacessível, fato que a entrevistada lamentou, pois gostaria muito de voltar ao seu antigo local de trabalho. Outra tristeza lhe sobreveio quando viu demolido o local onde ficava o refeitório (Figura 05). Soube descrever todos os setores e todo o processo que neles ocorria. Contou que fazia compras no entreposto da fábrica (Figura 06) e ressaltou a boa qualidade dos produtos. Então, a fábrica funciona como um objeto biográfico para as pessoas. A partir do objeto-fábrica as pessoas contam a história de suas próprias vidas. Pois, “só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível. O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1994, p.441).

A entrevista seguinte foi com o terceiro ex-funcionário, ainda morador do Fragata, ou sempre morador, como disse ele. Trabalhou 16 anos na fábrica, dos anos 1979 a 1995, quando desenvolveu várias funções: começou trabalhando no almoxarifado, mas sua principal função foi de responsável pela manutenção, que possibilitou, durante sua trajetória, conhecer todos os setores e funções. O ex-funcionário mostrou conhecimento de toda a produção e suas etapas.



Figura 05 - Espaço do antigo Refeitório.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.



Figura 06 - Espaço da antiga loja.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.

Sua jornada de trabalho era de oito horas divididas em dois turnos de segunda a sexta (das 7h30min às 11h30min e das 13h30min às 17h55min, o segundo turno tinha alguns minutos a mais e assim ele não trabalhava no sábado), trabalhava em horário comercial devido às suas atividades, mesmo quando a produção tinha turnos de seis horas. A cada turno, os funcionários tinham quinze minutos de intervalo, momento em que aproveitavam para conversar e conhecer os colegas de outros setores, nesses intervalos, podiam usar o refeitório para fazer lanches, mas a empresa só disponibilizava refeições para quem trabalhava nos turnos da noite. Entristeceu-se ao ver o refeitório¹⁴ demolido porque o considerava o “lugar mais importante da Laneira”, que era muito bonito, tinha lindas mesas e era o local onde estava a comida e onde colocavam a conversa em dia,

O entrevistado reconheceu a gruta (Figura 07) que permanece no pátio¹⁵, e contou, em meio a sorrisos: “Aqui tem a grutinha que as mulheres gostavam, tinha muita solteira aqui, colocavam pedidos, era uma santa, não lembro se era uma Nossa Senhora, mas o Santo Antônio era lá na outra.” Sim, a Laneira também tinha seus espaços ritualísticos, pois, os lugares, e os vazios, são, às vezes, igualmente evocadores de memórias.

¹⁴ O projeto de reciclagem não abrange a totalidade da edificação; há um pavilhão que se encontra em reforma para abrigar o Hospice, setor do Centro Regional de Cuidados Paliativos do Hospital-Escola (HE) da UFPel. Local onde se encontrava o antigo refeitório, motivo desse, de sua demolição.

¹⁵ Também será demolida por se encontrar no pavilhão que se encontra em reforma.

Ao entrarmos nos pavilhões, teve a surpresa do vazio e da sujeidade, mas logo reconheceu o maquinário ainda presente: as duas prensas. A primeira máquina vista foi descrita como uma prensa para fazer fardos de lã, ainda bruta, e lembrou que os funcionários mais jovens não utilizavam as escadas, subiam pela rampa de madeira (Figura 08), que também faz parte dessa máquina e ainda permanece no local. A segunda máquina, também uma prensa, mas menor, servia para comprimir a lã em bobinas para exportar. Lembrou que a edificação era sempre bem cuidada, que pintavam o piso de cinza seguidamente, que ficava tudo sempre bonito, da mesma forma que sempre elaboravam outros tipos de manutenções diversas.



Figura 07 - Gruta.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.



Figura 08 - Rampa de madeira (elemento do maquinário).
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.

Indagado sobre as canaletas que podem ser vista ao longo dos pavilhões, não mostrou muito interesse e respondeu rapidamente que era para escoar a água da produção e talvez do escoamento das águas pluviais¹⁶, já que elas se encontram nas divisas de pavilhões e, quando a Laneira estava em funcionamento, ficavam fechadas por chapas metálicas parelhas ao piso.

Ressaltou alguns detalhes da edificação e seu entorno, como a presença de dois laboratórios de controle de qualidade, um maior e mais completo no primeiro pavimento e um menor no segundo pavimento; no pátio, a presença de um pomar, lembrando-se de um abacateiro e laranjeiras, e uma enfermaria com consultório médico. Recordou que a loja foi idealizada por uma neta de um dos donos, encarregada desse setor e que foi preciso fazer uma reforma, transformando um portão grande (igual ao portão da carga) em uma pequena porta.

¹⁶ Águas provenientes da chuva.

Ao final da entrevista, falou: “Isso é uma coisa que vocês têm que colher, porque se vocês não colherem, no que passar a minha geração, ninguém mais vai saber”.

Como dito anteriormente, também se entrevistaram agentes indiretos da Laneira, e como essas pessoas não conheciam a produção, não foi incluída a visita ao interior do prédio. As entrevistas foram realizadas com duas ex-moradoras do bairro Fragata. A primeira morou desde que nasceu (1967) até 1983, quando se mudou para a capital do Estado, Porto Alegre. Sua família permanece até hoje, morando no bairro. Ela estudava no Colégio Municipal Pelotense e passava todos os dias na frente da Laneira. Sempre reparava na fachada grande de tijolos vermelhos. Sabia o que funcionava ali porque a família vendia lãs para a Cosulã (empresa de beneficiamento e comércio de lã, como a Laneira). O que mais lhe chamava a atenção eram as hortênsias (Figura 09), “Adorava ver as hortênsias quando elas estavam bem coloridas, quando lembro da Laneira sempre associo as Hortênsias”. Ela voltava da escola com o pai que trabalhava no mesmo colégio em que ela estudava e, um dia em que ele estava de férias, ela voltou pela primeira vez sozinha da escola de ônibus. Neste dia, ocorreu um acidente com um caminhão que estava saindo da Laneira e ela ficou um longo período na frente da fábrica, dentro do ônibus, pois o acidente interrompeu o trânsito. Lembra que o caminhão saía do último portão, à esquerda de quem olha. Por esta aparente efêmera ocorrência, observou demoradamente a fábrica, que não mais esqueceu.



Figura 09 - Hortênsias compondo com a fachada.
Fonte: Acervo de Jossana Peil Coelho, 2014.

A última entrevista foi uma artesã que comprava a sua matéria-prima na loja da Laneira. Solicitou que a entrevista fosse em sua casa e relatou que o início do seu trabalho de artesanato em lã foi no final da década de 1970, quando fez um curso na Laneira, junto com seu filho, para aprender a trabalhar em tear horizontal, não lembra exatamente quem ministrou, mas acredita que a fábrica só emprestava o espaço, que o professor fosse vinculado à UFPel.

A lã que a artesã comprava era bruta, não tinha passado por nenhum tipo de processo, seu artesanato era todo manual, ela mesma cardava¹⁷, fiava e só depois confeccionava ponches, tapetes, cobertores e outras peças. Como a lã que usava não era tingida, utilizava-se da cor natural para seus trabalhos, conta que usava as cores “de ovelha”. Quando começou, havia dois lugares para comprar lã bruta, na Laneira e na Cosulã. Hoje só se encontra a lã já industrializada, que não tem a mesma qualidade da feita manualmente. A entrevistada frequentava mais a loja da Cosulã, pois lá o atendimento era melhor, então ficou conhecida e acabava tendo benefícios, esse tipo de mercadoria era comprada por quilo, e logo após a compra era preciso fazer uma triagem, pois nem todo o material podia ser usado; na Cosulã, quando era para a entrevistada, eles já separavam o material não utilizável e pesavam só a lã com potencial de uso.

Trabalhou sempre com o seu filho, recebiam muitas encomendas, até da própria Cosulã, chegaram a abrir uma microempresa e a ensinar a tecelagem para obter mão de obra, e como quem comprava a lã naquela época era o seu filho, e a Cosulã deixou de funcionar antes da Laneira, provavelmente ele tenha tido mais contado com a Laneira.

4. Considerações finais

As entrevistas com depoentes que conheceram a fábrica Laneira em atividade tem sido um recurso eficaz para evidenciar os aspectos que apontam a condição patrimonial deste remanescente e indicam a sua potência como um lugar de memória. Por ter tido seu fechamento ainda recente, as marcas do passado nesta fábrica são tão fartas quanto aqueles que as podem significar. Não tem sido difícil a localização dos agentes e o recolhimento de testemunhos a respeito das atividades que eram desenvolvidas na fábrica, bem como a obtenção de relatos que contam como era a vida das pessoas neste lugar. Dar voz a esses agentes faz possível identificar e

¹⁷ Cardagem é a etapa que transforma a lã em estado descontínuo (em ramas) num primeiro estado contínuo (fita de cardado).

qualificar o valor intrínseco dos vestígios, reconhecendo-os na sua possibilidade de outorgar ao sentimento dessas pessoas a condição de lembrança inalienável do bem. Se estas referências permanecerem, abre-se a possibilidade de que tais sentimentos sejam passados às gerações futuras e que se incorporem novos atores na memória desta fábrica.

Após a análise das entrevistas, confrontaram-se os elementos listados pelos depoentes com as opções tomadas no projeto arquitetônico. A fachada, tal como se encontra, é o principal evocador de memória, mencionada em todas as entrevistas e enfaticamente destacada em duas, como principal aspecto a ser lembrado. Como um rótulo de identificação, a fachada representa toda a fábrica. Dentro desse elemento maior, o portão onde ocorria o carregamento da lã foi o local citado nos episódios marcantes da trajetória da Laneira. Outro elemento notório, que traduz a resistência à morte, são as hortênsias do canteiro na frente do prédio fachada que, apesar do descuido, florescem incontinentes a cada primavera.

Interiormente, alguns locais foram destacados: o consultório médico, a loja e o refeitório. Os três eram alheios ao trabalho propriamente dito, embora densamente relacionados com a vida dos operários. O refeitório referia-se aos momentos de sociabilidade e foi citado com maior sentimento do que os demais. Nas entrevistas feitas no local, o sentimento carregou-se de nostalgia, sobretudo porque o local já estava desfeito. O refeitório feito ausência duplicava a consciência sobre a irrecuperabilidade: do tempo, porque o que nele houve era passado e do espaço, demolido para dar lugar a um hospital. Todos esses espaços lugares são de fácil identificação e localização, mesmo os que deixaram de existir.

Se alguns dos elementos se perderam, outros terão que sucumbir em função da necessária adequação dos espaços aos novos usos. A preservação desses elementos se torna muito complicada no caso da loja e do consultório médico, pois são espaços que precisam passar por diversas modificações para atender o novo uso.

Pode-se dizer que as máquinas da produção fabril estão muito presentes nas lembranças dos ex-funcionários, ressaltando, assim, a importância das duas únicas que ainda permanecem no local: as prensas. Essas máquinas fazem parte do projeto arquitetônico e se mantêm visíveis, desempenhando a função de representar as máquinas que não estão mais no local.

Ao fundo da edificação, próximo ao refeitório, há uma área externa que, nos relatos, apareceu como uma área de convivência, na qual os funcionários mantinham

uma horta e um pomar. Havia bancos neste local e deduz-se que era a parte da fábrica onde as pessoas sublimavam as tarefas duras e encontravam um lugar de possíveis afetos. O projeto contempla este local, com uma área de convívio e uma praça que manterá, assim, o mesmo uso original. Nessa tipologia de praça cabe bem a inclusão de vegetações que remetam à horta e a pomares.

A locação de bancos nessa praça, para caracterizá-la como lugar de descanso, é possível e compatível com o projeto. A gruta, como no caso do refeitório, está localizada fora da área do projeto de reciclagem.

Esperamos que este trabalho incentive a preservação de outros patrimônios edificados da UFPel, principalmente naqueles que ainda se encontram sem uso, que sejam previstos novos usos de forma qualificada, que essas não acarretem descaracterização desses edifícios, antes estimulem a qualificação desses espaços, provocando melhorias tanto no próprio prédio como no seu entorno, no que diz respeito à apropriação e à valorização, trazendo retornos satisfatórios para a comunidade que se identifica com esses bens, e, mesmo que implicitamente, cumpram uma função social.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGHIROLI, Ângelo. O Patrimônio Industrial e os Novos Paradigmas da Preservação. *Conselho em Revista / CREA-RS*, Porto Alegre, ano V, n. 57, p. 27, 2009. Disponível em: <http://www.crea-rs.org.br/site/arquivo/revistas/ed57.pdf>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.
- CORREA, Celina Maria Britto; MICHELON, Francisca. Expografia Acessível: Estudo de suporte expográfico com desenho universal. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 5, n. 9, p.1-19, 2013. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/216/150>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.
- COSSONS, Neil. Perspectivas, Percepções e o público. Texto apresentado na Sessão plenária do TICCIH Congress 2009, em 31 de agosto na cidade de Freiberg, Alemanha. *URBANA*, ano 3, n. 3, p. 1-7, 2011. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/989/715>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.
- COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. 6ª edição São Paulo: Saraiva, 2002.
- DEZEN-KEMPTER, Eloisa. O Lugar do patrimônio industrial. *Revista Labor & Engenho*, Campinas, v.5, n.1, p.107-125, 2011. Disponível em: http://www.conpadre.org/L%26E/L%26E_v5_n1_2011/06_p107-125.pdf. Acesso em: 02 de Jun. 2015.
- ESSINGER, Cíntia Vieira. BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas. V Jornadas do GT Mundos do Trabalho - RS. A Pesquisa do Trabalho - 1917, Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil. Anais, p. 127-149, 2007. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia_Essinger.pdf. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

FERREIRA, Leticia Mazzuchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. *Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 1, p.22-35, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/43/23>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

_____. Patrimônio: as várias dimensões de um conceito. *História em Revista*, Pelotas, v. 10, p. 29-39, dez. 2004. Disponível em: http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr_10/historia_em_revista_10_maria_leticia.html. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ICOMOS. *Carta de Veneza*. 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

KOHLSDORF, Maria Elaine. A preservação da identidade dos lugares. *ARQADIA*: revista eletrônica do curso de Arquitetura & Urbanismo, Instituto de Ensino Superior Planalto-Faculdades Planalto, Departamento de Arquitetura & Urbanismo, v.1, n.1, p.51-60, 2012. Disponível em: http://issuu.com/iesplan/docs/revista_-_arqadia_-_revisada. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. *Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu*, n. 3, p.23-30, 2010. Disponível em: http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

LEMONS, Carlos A. C.. *O que é Patrimônio Histórico?* 5ª edição. Brasília: Brasiliense, 2006.

MELLO E SILVA, Leonardo Gomes. Patrimônio industrial: passado e presente. *Revista Eletrônica do IPHAN*, v. 4, 2006. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=164>. Acesso em: 6 de Fev. 2014.

MELO, Chanaísa. Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima. *Dissertação* (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012. Orientador: Prof. Dr. Francisca Ferreira Michelin.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

MICHELON, Francisca Ferreira (org). *Patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas*: primeiro estudo. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MOURA, Rosa Maria Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. *100 Imagens da Arquitetura pelotense*. 2ª edição. Pelotas: Pallotti, 2002.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

PELOTAS. *Decreto nº 5.685*, de 08 de novembro de 2013. Dispõe sobre os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/decretos/2013/DECRETO5685.pdf. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

PELOTAS. *Lei Nº 4568*, de 7 de julho de 2000. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de pelotas - zppcs - lista seus bens integrantes e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/leis/2000/Lei_n_4568.pdf. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Preservação do patrimônio cultural: A atuação do Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. In: AZEVEDO, Paulo Ormino David de; CORRÊA, Lins (Orgs.) *Estado e Sociedade na Preservação do Patrimônio*. Salvador: EDUFBA / IAB-BA, v.2, 2013. p. 239-256.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p.200-215, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*, TICCIH, 2003. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 02 de Jun. 2015.

Data de recebimento 17.04.2015

Data de aceite 12.05.2015